

O verdadeiro terror de Stáline

Texto **Rafael Poch**

O fim da guerra-fria tornou possível o primeiro estudo documentalmente baseado das repressões do regime soviético entre 1921 e 1953²

Durante muitos anos, investigadores e historiadores discutiram sobre a extensão da repressão stalinista na União Soviética; quantos foram reprimidos por motivos políticos, quantas pessoas foram executadas, quantos prisioneiros havia no sistema de campos de trabalho do Estado (*GULAG*), etc. Era um debate complexo por duas razões. Uma era a guerra-fria. A União Soviética era o principal inimigo do Ocidente, e no ocidente a soviétologia era, em grande medida, uma indústria intelectual ao serviço dessa guerra. A outra era a falta de evidência documental: o Estado soviético não permitia o acesso aos arquivos que continham informações sobre o aspecto mais funesto da sua história.

Tirando um zero³

Essas duas razões obrigavam o estudioso a trabalhar com estimativas e impressões, com frequência muito politizadas, o que não favorecia o rigor histórico. Em muitos casos, o tema ficou em mãos de «pessoas com uma imaginação fértil», como refere o professor Moshe Lewin, um dos grandes especialistas ocidentais em história da União Soviética. Mas a guerra-fria acabou há uma década e já é hora de a propaganda dar lugar à história, e a conjectura ao documento.

Desde há dez anos que na Rússia se sabe que Stáline e o seu regime mataram muito menos do que se tinha dito. Que tenha que tirar-se um zero ao número de reprimidos, em milhões, não muda absolutamente nenhuma conclusão, nem altera os adjectivos.⁴

¹Jornal assumidamente de direita publicado em Espanha (NT).

²Para além do seu conteúdo documental objectivo (e apesar dos apartes e comentários tendenciosos, alguns claramente abusivos, característicos da orientação política do jornal), a importância desta entrevista advém do facto de ser a primeira e única conhecida com o investigador Víktor Nikoláievitch Zemskov em órgãos ocidentais. Este facto é revelador do silêncio sepulcral que os grandes meios de comunicação, inclusive na URSS de Gorbachov e na Rússia de Iéltine ou de Pútime, têm votado o trabalho de que aqui se fala. Trata-se de um estudo com cerca de nove mil páginas desenvolvido por uma equipa, na qual, a par de Zemskov, participaram outros reputados historiadores russos como A.N. Dúgine e O.V. Khlévniuk. Os resultados do seu trabalho foram publicados na URSS e na Rússia entre 1990 e 1993. Contudo, em particular no Ocidente, são apenas conhecidos nos meios académicos, o que permite continuar a bombardear o grande público com números desprovidos de qualquer base científica, inventados exclusivamente para fins da propaganda anticomunista. (NT)

³Ver *Mentiras sobre a história da União Soviética*, de Mário Sousa em www.hist-socialismo.net (NT).

⁴Para um jornal de direita conviria efectivamente que assim fosse. Mas estaríamos a falar de um Holocausto se em vez dos seis milhões de judeus mortos nos campos de concentração nazis na II Guerra Mundial tivessem sido 600 mil? (NT)

Simplesmente, a capacidade de horrorizar-se diante de um dos grandes dramas do século XX não deveria estar em duelo com a seriedade.

Encontro o historiador Víktor Zemskov no Instituto de História da Academia de Ciências russa. Em 1989, cumprindo uma directiva do Bureau Político de Mikhail Gorbatchov, a Academia de Ciências encarregou Zemskov de esclarecer o grande enredo das dimensões reais da repressão stalinista.

Zemskov, um homem humilde e discreto, teve pela primeira vez acesso a um dos sectores mais secretos dos arquivos do Ministério do Interior (*MDV-MGB*) e da polícia de Estado (*OGPU-NKVD*) de Stáline. Ali deparou-se com uma documentação pormenorizada e exaustiva da máquina repressora de Stáline; o *GULAG*, as prisões, a estatística de fuzilados, deportados, etc. Verificou-se que o Estado e os seus magarefes tratavam as contas dos seus crimes e malfetorias com o rigor de esmerados escriturários.

Já há quase dez anos que os documentos destes arquivos falaram, mas Zemskov e as suas conclusões continuam a ser desconhecidas para o público não especializado, não só no Ocidente, como inclusive na própria Rússia.

«*A mim não me convidam a falar na televisão*», diz Zemskov sem o menor vislumbre de falsa modéstia, na que confessa é a sua primeira entrevista a um órgão de imprensa estrangeiro, porque ninguém se tinha interessado pelo testemunho do homem que alterou os números, não a essência, trágica e criminosa, da repressão stalinista.⁵

Zemskov documentou que entre 1921 e 1953 foram «*reprimidas*» quatro milhões de pessoas. De entre elas, o regime soviético fuzilou por motivos políticos cerca de 800 mil pessoas, em concreto 799 455. Também se pôde estabelecer que no momento culminante da repressão stalinista, o «*grande terror*» dos anos 1937-1938, na URSS foram efectuadas 2,5 milhões de detenções.⁶ Os seus números são tão impressionantes que, a seu lado, pouco importa que até agora se tenha falado de quase vinte milhões de detenções (a historiadora russa Olga Chatunóvskaia) ou de sete milhões de fuzilados, o número que apresenta Robert Conquest, o historiador ocidental mais conhecido na matéria.

Quando no Verão de 1941 os alemães tomaram a cidade russa de Smolensk, conseguiram apoderar-se do arquivo local, intacto, da máquina repressora stalinista. Quando os alemães perderam a guerra, o arquivo de Smolensk passou para as mãos dos americanos. Conquest, um típico «*guerreiro frio*», um cruzado da guerra-fria, extrapolou os dados da repressão na região de Smolensk para todo o país, um método aceitável à falta de outros melhores, mas a evidência mostrou que as suas conclusões estavam erradas.

Face aos sete ou oito milhões de detidos em 1937-1938 baralhados por Conquest, a evidência documental fornece o número de 2,5 milhões. Os arquivos falam de 2,5 milhões de presos nos campos soviéticos em 1952, quando Conquest fala de 12 milhões, quase cinco vezes mais. O historiador ocidental estima em dois milhões os mortos nos campos no período de 1937-1938 e em sete milhões o total de mortos para o período de 1921-1953, quando a realidade documental é de 160 084 e 799 455 mortos, respectivamente. Actualmente são os números de Zemskov e já não os de Conquest, os que se baralham nas universidades.

No que respeita aos números globais, explica Zemskov, «*a soviétologia ocidental afirmava que 50 ou 60 milhões haviam sido vítimas da repressão, da colectivização, da fome, etc. Em 1976, Soljenítsine disse que entre 1917 e 1959 tinham morrido 110 milhões de*

⁵Trata-se obviamente de um comentário que repudiamos e que é claramente abusivo no contexto desta entrevista, uma vez que pretende perpetuar uma visão distorcida da história da construção socialismo, inculcada na consciência de massas à força de grosseiras falsificações dos factos, de que os números que aqui são refutados constituem um exemplo elucidativo. (NT)

⁶ De acordo com o relatório intitulado «*Prisioneiros em 2005*», havia 2 193 789 pessoas presas nos Estados Unidos em Dezembro de 2005. Mais 4,1 milhões estavam presos temporariamente e cerca de 800.000 em liberdade condicional. Estes números totalizam mais de 7 milhões de pessoas — o que representa 1 em cada 32 norte-americanos adultos — que estariam sob algum tipo de supervisão do sistema prisional dos EUA. (<http://www.ojp.usdoj.gov/bjs/abstract/p05.htm>) (NT)

peças. A realidade é que a população do país continuou a aumentar mais de um por cento, superando o crescimento demográfico de Inglaterra ou França. Em 1926 a URSS tinha 147 milhões de habitantes, em 1937, 162 milhões e em 1939, 170,5 milhões. Os censos são fiáveis, e os seus números são incompatíveis com matanças de dezenas de milhões», diz o historiador.

Colectivização e deportação⁷

Tão pouco batem certos os números de mortos por causa da colectivização da agricultura. «Na bibliografia – diz Zemskov – dão-se números absurdos de seis a dez milhões, entre eles de três a sete milhões na Ucrânia. Mas graças à estatística demográfica sabemos que em 1932, na Ucrânia, nasceram 782 mil pessoas e morreram 668 mil, enquanto que em 1933 nasceram 359 mil e morreram 1,3 milhões. Estes números incluem a mortalidade natural, mas está claro que a primeira causa de morte nesses anos foi a fome.»

Segundo Zemskov, não se confirma a tese, tão popular na Ucrânia, de que o massacre produzido pela colectivização foi um genocídio nacional contra os ucranianos.⁸ Zemskov diz que «o Estado cometeu um crime contra todos os camponeses, independentemente da sua nacionalidade».⁹ A prova está em que «a mesma situação que se deu na Ucrânia, deu-se entre a população do Cáucaso do Norte, a região do Volga e Cazaquistão, onde houve fomes extremas. Havia que cumprir o plano confiscando parte da colheita, mas como por causa da seca não se alcançava o necessário, confiscaram toda a colheita», explica o historiador.

Algumas nacionalidades da URSS sofreram muito sob o stalinismo. Catorze delas foram deportadas por inteiro e 48 parcialmente. Só entre as etnias do Cáucaso deportaram-se 650 mil pessoas em três operações militares, vigiadas por um exército de 100 mil homens, sem contar 19 mil soldados do NKVD. No entanto, a evidência não corrobora a tese de que a repressão stalinista afectou sobretudo as etnias e nacionalidades não russas. Pelo contrário sugere-se que a repressão se dirigiu sobretudo contra os sectores mais instruídos da sociedade, em especial contra o próprio aparelho de Estado. Assim, a nacionalidade que proporcionalmente sofreu mais vítimas foi a letã, não tanto por razões étnicas, mas precisamente porque os letões estavam muito presentes no aparelho de estado.

Sofrimento e repressão

A estadística do GULAG era exacta, explica Zemskov. «Um só caso de um preso desaparecido durante um naufrágio ou afogado (as fugas dos campos eram muito frequentes; quase 400 mil presos fugiram entre 1934 e 1953, dos quais 38 por cento não puderam ser recapturados) dava origem a todo um dossier de documentos e correspondência. De tudo isto se informava regularmente a Stáline.» Por isso há que supor que os responsáveis políticos conheciam perfeitamente as dimensões da sua repressão e dos seus fuzilamentos.

⁷Ver texto já referido de Mário Sousa, bem como *Um Outro Olhar Sobre Stáline-IV*, de Ludo Martens, *Teses sobre o socialismo – Teses do CC do KKE ao XVIII Congresso, Historia del Partido Comunista (bolchevique) de la URSS., A construção do socialismo na URSS*, em www.hist-socialismo.net (NT).

⁸Ver texto *Golodomor – A cortina de fumo do regime*, em www.hist-socialismo.net (NT).

⁹Esta afirmação, aliás como outras nesta entrevista, define as convicções políticas burguesas do historiador Zemskov, que, apesar do respeito pela verdade documental, considera aqui como um crime a colectivização da agricultura feita contra a classe exploradora dos kulaques, que condenavam à fome e à miséria a maioria esmagadora dos camponeses da União Soviética. (NT)

Zemskov reconhece que o conceito de «*reprimido político*», esse colectivo de quatro milhões de pessoas entre 1921 e 1953 que inclui os 800 mil fuzilados, pode ser discutido. O historiador aplica o conceito aos incriminados pelo artigo 58 do Código Penal («*actividade contra revolucionária e outros crimes graves contra o Estado*»), e a pergunta é se essa metodologia não deixa de fora enormes colectivos que foram injustamente perseguidos.

O problema é que é muito difícil encontrar gente que não tenha sofrido e padecido no período de 1921-1953 da história da URSS, e do que se trata, explica, é de «*distinguir os reprimidos políticos do sofrimento geral*». O critério foi contabilizar unicamente os detidos e julgados como delinquentes políticos (o mencionado artigo 58.^o). Isso marca uma fronteira objectiva entre aqueles que sofreram em geral, por exemplo os latifundiários, kulaques, o clero, os capitalistas, todos eles expropriados, e todos aqueles membros, em concreto, destes grupos da população que foram condenados, encarcerados ou fuzilados. «*Desta forma, se isolam os “reprimidos políticos” daqueles que simplesmente foram vítimas das transformações socioeconómicas, cruéis e igualitaristas, circunstância que pode aplicar-se à maioria da população da URSS, pois, de uma ou outra forma, todo o mundo sofreu; passava-se fome, vivia-se mal*».

Sobre os motivos da repressão, Zemskov diz: «*Do que se tratava era de desfazer-se da gente que não se enquadrava com o projecto comunista de futuro, assim como daqueles que tinham um grande instinto de preservação, ainda que formalmente não fossem culpados de nada. Era uma medida preventiva. Mólotov disse-o numa frase reveladora ao jornalista Félix Tchuev: «Não esperávamos que nos atraíssem; nós tomávamos a iniciativa e antecipávamo-nos a eles*».

A pergunta que toda esta barbárie coloca ao historiador é a de até que ponto a história russa é única desde o ponto de vista da grande mortandade política. «*No que respeita à história da Inglaterra do século XVII, da França do século XVIII e da Alemanha do século XIX, a da Rússia é única no sentido de que aqui isso ocorreu no século XX, quando já existia uma economia complexa e integrada que se afundou com a revolução*», responde Zemskov. «*Quando H.G. Wells veio à Rússia em 1920, contemplou uma selvajaria total; desmontavam-se as linhas de caminho de ferro, não havia electricidade e tudo se afundava, as pessoas morriam de frio e fome. E antes de isso, ainda que a Rússia fosse da periferia europeia, tinha sido um país civilizado. Isto é, quanto mais civilizado é um país, tanto menos desejável é a revolução pelas terríveis consequências que esta tem*»,¹⁰ conclui. A resposta do historiador russo sugere, em resumo, que a modernidade, no que tem de capacidade técnica de matar e controlar, é o que torna Stáline mais temível que Gengis Khan. Todo um aviso para o futuro.

¹⁰Também nesta afirmação é patente a ideologia burguesa de Zemskov. Aliás, nenhum dos cientistas envolvidos neste trabalho tem uma visão socialista do mundo, ou não tivessem eles sido escolhidos por Gorbatchov e sua equipa. O problema é que ao encomendarem esta investigação em 1989 com fins claramente contra-revolucionários, o tiro saiu-lhes pela culatra, já que involuntariamente contribuíram para a refutação de várias falsificações que tinham fabricado ou ajudado a divulgar (NT).